

O drama de Ibsen e a saga do PMDB

Um milhão de dólares? Nunca. Quinhentos mil dólares? De jeito nenhum. Foi o que o deputado Ibsen Pinheiro disse ontem a um amigo. Ele continua jurando inocência. Na conversa com o amigo foi até surpreendente: disse que depois de uma semana de bombardeio, em vez de se sentir arrasado, como qualquer um imaginaria, está até um pouco aliviado.

Só se sente assim quem tem muita segurança de suas contas bancárias. Dentro da própria CPI do Orçamento, as opiniões se dividem. Há quem considere Ibsen atolado até os cabelos na lama. Mas há também os que preferem esperar pelo cruzamento de todas as operações bancárias de Ibsen, para se certificarem de que não estão sendo somados várias vezes um mesmo depósito transferido de banco em banco. Por exemplo: um depósito de US\$ 150 mil referente à venda de uma fazenda pode ser transferido para um segundo banco e em seguida para um terceiro, e acabar virando US\$ 450 mil.

De qualquer maneira, espera-se de Ibsen mais do que apelos para que lhe dêem o benefício da dúvida. Esperam-se explicações convincentes. Ele não tem muitas alternativas. Ou prova que realmente é inocente e está sendo massacrado injustamente, ou encerra a sua carreira política não só como desonesto, mas também como mentiroso.

Ibsen já era um símbolo do *impeachment* de Collor, agora é emblema também da saga do PMDB — um partido que em 28 anos cumpriu uma trajetória que vai da resistência à ditadura militar e das glórias pela reconquista da democracia ao mais podre lamaçal da Comissão de Orçamento e à formação de quadrilha de engratados com imunidade parlamentar para assalto aos cofres públicos.

O MDB que originou o PMDB não tinha *anões*, tinha gigantes. Dividia-se entre *autênticos* e *moderados* segundo o perfil ideológico de seus militantes, e não, como hoje, entre honestos e ladrões, segundo o prontuário policial que está sendo confeccionado pela CPI da Comissão de Orçamento.

As memoráveis páginas de coragem e altivez com que o MDB enfrentou os poderosos gene-

rais do regime de 1964 não podem ser mais invocadas como parte da história do PMDB. O PMDB foi mais do que uma mudança de rótulo. Foi um ponto final. O partido anterior mostrou a sua competência na adversidade. O seu sucedâneo mostrou a sua incompetência na democracia, desde o governo Sarney.

Dois momentos marcam a decadência do PMDB. Aquela frase de Tancredo Neves que arrebatoou tantos aplausos no discurso feito no dia em que foi eleito presidente da República, em 15 de janeiro de 1985: "Não vamos nos desperçar".

As grandes bandeiras do MDB histórico tinham sido conquistadas. Houve a anistia, os presos políticos foram soltos, os exilados voltaram ao país, a ditadura se esfarelou, os civis voltaram ao poder, as liberdades foram escancaradas e a Constituinte viria em seguida.

O PMDB não tinha bandeira nenhuma, como não tem até hoje. Tem, sim, um barco de naufragos num mar de lama.

Quatro em cinco *anões* da Comissão de Orçamento são *pemedebistas* — Genebaldo Correia, Cid Carvalho, Manuel Moreira, José Geraldo. Alguns dos nomes mais notáveis do partido, como Ibsen, Sarney, Quéricia, Mauro Benevides, Humberto Lucena estão se defendendo de acusações de irregularidades.

O segundo momento que marca a decadência do PMDB é a foto do passeio nas Ilhas Gregas em que Ibsen Pinheiro confraterniza numa mesa de restaurante com os *anões* da Comissão de Orçamento, entre eles o principal acusado da ladroagem, o deputado João Alves.

A foto mostra como Ibsen mudou de turma desde que assumiu a presidência da Câmara. Antes, andava com Nelson Jobim, José Genoíno, Miro Teixeira, José Serra, Sigmaringa Seixas. Hoje, não pode andar nem sozinho nas ruas. Semana passada, quando a polícia prendeu no bairro de São Cristóvão, no Rio, um fiscal corrupto que exigia propinas de CR\$ 20 mil dos comerciantes, uma multidão se juntou na rua para xingá-lo. Gritava que devia ser mandado para Brasília, pois lá, sim, no imaginário popular, é que é lugar de corrupto.

Armas e café

Uma boa notícia para as Forças Armadas.

O governo Itamar está prestes a anunciar uma

grande compra de armamentos bélicos da Rússia.

Será uma troca por café brasileiro.